
Hierarquia urbana como base: contexto dos desertos de notícias na região da Zona da Mata Mineira¹

César Franco dos Santos MARTINS²
Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Resumo

As cidades são classificadas hierarquicamente a partir das funções que desempenham dentro da rede urbana. No Brasil, essa classificação se dá a partir da pesquisa Regiões de Influência das Cidades (Regic) desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A difusão de informação e a presença de mídia é um dos critérios utilizados pelo estudo para estabelecer as zonas de influência no território brasileiro. A partir desse contexto, o presente artigo tem como proposta abordar a hierarquia urbana e, com base nela, apontar as possíveis cidades referências para os municípios considerados como desertos de notícia na Zona da Mata Mineira. Além disso, verificar os tipos de veículos de comunicação presentes nessas cidades. Para realização do estudo, fora o Regic, foram utilizados como fonte o Sistema “Cidades” do IBGE; o Sistema Mosaico da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e o Guia de Mídia (plataforma que cataloga jornais e portais online).

Palavras-chave: deserto de notícias, hierarquia urbana, informação, Zona da Mata Mineira

Introdução

Pesquisar a presença da mídia nos municípios brasileiros é um trabalho árduo no qual deve-se levar em consideração fenômenos comunicacionais e, também, concepções e discussões que se desenvolvem no campo da Geografia. Conceitos como por exemplo, de lugar, espaço, escala, território e região podem se aplicar com propriedade as pesquisas na Comunicação, de forma a acrescentar olhares na exploração de um campo intermediário (MOREIRA, 2017, p.2).

Nesse sentido, torna-se fundamental uma base conceitual geográfica de maneira a contribuir com referências e debates da Comunicação. Estabelecer esse diálogo caracteriza-se como um trabalho que perpassa por vários conceitos que se desdobram de

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM UFJF), e-mail: cezarfsmartins1997@gmail.com

maneira complexa e são alvos de longos debates entre os geógrafos. No entanto, essa conexão mostra-se essencial para a pesquisa de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que tem como conceito central os desertos de notícias³ (Abernathy 2016, 2018).

No Brasil, ainda há um número pouco expressivo de produções científicas que abordam os desertos de notícias. Em busca realizada nos anais dos últimos três anos (2017, 2018 e 2019) de dois congressos nacionais de comunicação (Intercom e SBPJor), em um levantamento exploratório preliminar, foram localizados sete trabalhos que citaram o conceito; em dois houve apenas menção e em cinco este foi explorado de forma mais efetiva (MARTINS, 2020, no prelo).

Nos cinco trabalhos que se propuseram a desenvolver mais o conceito e/ou contribuíram para contextualizar a realidade de determinados municípios brasileiros (Reis, 2018, 2019), (Deolindo 2018), (Moreira & Del Bianco, 2018), (Moreira, Del Bianco & Martins 2019), nota-se alguns caminhos importantes a se explorar. Entre eles destacam-se: o levantamento de indicadores socioeconômicos das localidades; dados relativos às Tecnologias da informação e comunicação (TICs); informações do quadro de mídia; e a rede urbana como uma estrutura relevante.

Diante desses indicativos que nos direcionam para uma análise quali-quantitativa, o presente artigo tem como proposta abordar a rede urbana, de forma a considerar as hierarquias que são estabelecidas entre as cidades, e apontar possíveis relações dos municípios que se localizam no primeiro recorte espacial definido pela pesquisa maior, em desenvolvimento no Mestrado: a Zona da Mata Mineira.

Esse processo de identificação das cidades que se encontram mais acima na hierarquia urbana e suas proximidades geográficas com os desertos de notícias é visto como relevante para a pesquisa porque trata-se de abordar as localidades não apenas de uma forma “isolada”, mas levando em conta também o contexto no qual estão inseridas. É válido ressaltar, portanto, que o intuito nesse momento é apresentar esse cenário de forma que este sirva como base para uma exploração mais precisa e possíveis delimitações posteriormente.

³ Conceito desenvolvido pela jornalista e pesquisadora Penelope Muse Abernathy na Universidade da Carolina do Norte nos Estados Unidos para se referir as localidades que não possuem veículos de comunicação.

A região da Zona da Mata Mineira é composta por 142 municípios, com uma população total de 2.175.188 pessoas. De acordo com o Atlas da Notícia⁴, há nesse espaço do território brasileiro 35 municípios que são caracterizados como desertos de notícias. Consideramos esse dado do Atlas não como uma informação definitiva, mas sim como um ponto de partida que nos aponta quais são essas localidades. Desse modo, para que consigamos averiguar com mais precisão a realidade desses municípios, uma das etapas iniciais e que se mostra fundamental, é estabelecer um panorama sobre o cenário no qual se encontram e as possíveis influências e assistências que recebem das cidades que estão no seu entorno, no caso da pesquisa em questão, no que diz respeito a produção de notícias.

Nesse estudo, pretendemos responder às seguintes questões: onde, precisamente, na região da Zona da Mata, esses 35 municípios estão localizados? Se encontram de forma mais concentrada, próximos um dos outros, ou estão espalhados pela região? Quais as cidades mais próximas com potencialidade de serem referências para essas localidades? E quais os tipos de mídias (impressos, portais online, emissoras de TV e rádio) há nessas cidades?

Para responder essas questões recorreremos às seguintes fontes: o estudo sobre Regiões de Influência das Cidades (Regic), desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); o sistema “Cidades” do IBGE; o sistema Mosaico da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel); e o Guia de Mídia (plataforma que cataloga jornais e sites das cidades brasileiras).

O Regic é uma importante pesquisa que contribui para verificar as influências das cidades brasileiras e estabelecer as hierarquizações das mesmas; a informação é um dos critérios levados em conta para definir as centralidades. É a partir desse estudo que é possível classificar as cidades em cinco tipos de centros: Metrópoles, Capitais Regionais, Centro Sub-Regionais, Centros de Zona e Centros Locais. Essa hierarquização servirá como base para verificarmos as possíveis cidades que podem oferecer “assistência” aos desertos de notícias da Zona da Mata Mineira. O Regic é um estudo a nível nacional, mas o nosso foco é levantar as possíveis influências no âmbito regional, ou seja, aquelas estabelecidas pelas(os) Capitais Regionais, Centros Sub-Regionais e/ou Centros de Zona.

⁴ Produzido em 2017, a proposta inicial do Atlas foi mapear veículos que produzem notícias, principalmente jornalismo local, no território brasileiro. Disponível em: atlas.jor.br/

A partir do sistema “Cidades” do IBGE é possível coletar informações relativas à população, educação, economia e território. Nesse estudo, vamos nos ater aos dados que dizem respeito a população e a classificação do município na hierarquia que é estabelecida pelo Regic. Já o sistema mosaico da Anatel e o Guia de Mídia, vão nos permitir coletar informações sobre as mídias que estão presentes nas possíveis cidades referências desses municípios que são caracterizados como desertos de notícias. Na Anatel, dados relativos à Rádio e TV; e no Guia de Mídia informações acerca de jornal impresso e portal online.

Interações e conexões entre as cidades

Ao desenvolver reflexões à respeito dos paradigmas de construção do campo comunicacional, Marialva Barbosa (2002) pontuou que há uma enorme gama de fenômenos associados à palavra comunicação. Desse modo, torna-se inevitável não pensar na comunicação atravessando as múltiplas atividades humanas e sociais.

No que diz respeito à pesquisa, o diálogo e as relações que se estabelecem com outros saberes é o que, na visão de Barbosa (2002), vai caracterizar a comunicação como campo – este sendo constituindo não pelo o objeto empírico em si, mas pelos questionamentos que são feitos. Logo, perpassa vários saberes, mas “possui uma forma de olhar que lhe é peculiar” (BARBOSA, 2002, p.74).

Pensar sobre o termo “rede” aqui levantado, por exemplo, implica considerar diversas mudanças conseguintes do progresso da ciência e, também, da comunicação. Não se trata de um termo moderno, haja vista que é alvo de debates há décadas, mas que se transforma e revigora a partir dos avanços que surgem e influenciam na organização do território. Além de se pensar nos progressos advindos da engenharia, inicialmente com as ferrovias e rodovias, os processos comunicacionais contribuem também para a formação das redes e sua reconfiguração.

A revolução industrial e a consolidação do capitalismo fizeram com que os processos geradores de fluxos acelerassem de maneira ainda mais significativa, seguindo de forma intensa também durante o século XX com processos de múltiplas ordens: de integração produtiva, de integração de mercados, de integração financeira, de integração de informação (DIAS, 2000).

Na medida em que há mudanças expressivas que influenciam nas relações humanas, implica também pensar nas novas configurações do território, que formam e transformam a rede urbana, permitindo mais conexões entre localidades e em menor

tempo. Seguindo nessa linha de raciocínio em que as redes reaparecem na medida em que há avanços nas diversas áreas, a autora coloca que se trata de um “instrumento valioso para a compreensão da dinâmica territorial brasileira.” (DIAS, 2000, p.149).

Dentro da rede urbana, as cidades se diferenciam entre si. Em “Uma nota sobre o urbano e a escala”, Roberto Lobato Corrêa (2003) cita três distinções: origem, tamanho e funções.

Segundo a origem, que inclui o contexto econômico e político e os agentes sociais das criações urbanas, há inúmeros tipos de cidades, a exemplo de cidades antigas originárias de missões religiosas, cidades mais recentes originárias de entrepostos comerciais e núcleos urbanos criados nos dias atuais por empresas industriais ou de mineração. Segundo o tamanho as cidades diferenciam-se de acordo com o número de seus habitantes ou segundo agregados econômicos distintos, com base, por exemplo, no valor da produção industrial e da receita do comércio e serviços e a renda de seus habitantes. Há, assim, cidades pequenas, médias, grandes e centros metropolitanos. Segundo as funções, para as quais a localização no espaço desempenha ou desempenhou um papel crucial, a diferenciação se faz entre cidades monofuncionais, como uma função caracterizadora, e cidades polifuncionais, combinando diferentes funções (industrial, comercial, de serviços, portuária, etc.) (CORRÊA, 2003, p.134-135).

O geógrafo coloca que é a partir das funções que se estabelecem os fluxos de mercadorias, pessoas, informações e de capital entre as cidades. Esses fluxos, segundo o pesquisador, são realizados por diferentes meios e dotados de periodicidade e intensidade variáveis. É das funções e do fluxo que, de acordo com Corrêa (2003), emerge as diferenciações entre as cidades, que se caracteriza por ser de natureza hierárquica, com base no diferencial de oferta de bens e serviços.

No presente estudo, essas relações são pensadas numa perspectiva regional, tendo em vista que ao tratar-se de “desertos de notícias”, se tem como pressuposto a ausência de uma comunicação local. Esse tipo de comunicação cumpre uma importante função social e, depois do advento da internet e a utilização da mesma por parte da população como ferramenta de informação, Beatriz Dornelles (2010) coloca que se passa a ter uma demanda ainda maior por notícias locais, tendo em vista que os acessos as informações globais se tornam cada vez mais acessíveis.

Para os municípios caracterizados como desertos de notícias, portanto, os acontecimentos da própria cidade e/ou da região na qual está inserida, podem ser noticiados e veiculados através de uma outra localidade próxima geograficamente – geralmente a partir daquela dotada de mais infraestrutura. Nesse sentido, para além das

características da localidade em si, o contexto no qual está inserida se torna significativo para saber como acontece essas relações com as cidades que estão ao seu entorno.

Informação como critério de centralidade

Ao abordar os desertos de notícias e apresentar os dados divulgados pelo Atlas da Notícia, Deolindo (2018) pontua que na classe das cidades pequenas há uma grande variedade de tipos de centros urbanos, o que faz ser essencial considerar realidades muitas vezes distintas e as diferentes funções que essas cidades desempenham dentro da rede urbana. Nesse sentido, as pesquisas que trabalham com cidades brasileiras devem considerar que as inter-relações entre as mesmas que se estabelecem a partir dos fluxos de pessoas e informações, capitais e mercadorias, se modificam a depender da localidade onde as cidades se encontram.

No que diz respeito aos meios de comunicação, segundo Reis (2018) – que tem como objeto de investigação três cidades médias da Amazônia Oriental - as cidades menores que vivem em desertos de notícias podem receber suporte das médias, haja vista que essas ocupam lugares estratégicos na rede urbana. Percebe-se, então, a necessidade de se olhar não somente para um município caracterizado como deserto de notícia, mas também para o entorno do mesmo para compreender essa “assistência” que é (ou não) recebida.

Para observar essa questão e ter uma visão sobre essas relações entre as cidades brasileiras, um estudo essencial é o de Regiões de Influência da Cidades (Regic). Em junho de 2020, o IBGE publicou a pesquisa mais recente sobre a rede urbana brasileira. O último Regic contém dados de 2018 e é o quinto divulgado em 48 anos. A pesquisa dá continuidade aos trabalhos publicados em 1972, 1987, 2000 e 2008.

Além de contribuir para a compreensão da evolução histórica do fenômeno urbano no país, o estudo serve como referência para pesquisas de avaliação das condições de acesso da população aos bens e serviços que são disponibilizados. As análises temáticas apresentadas no último Regic são dez: Gestão do território; Comércio e serviços; Instituições financeiras; Ensino superior; Saúde; Informação; Cultura e Esporte; Transporte; Atividades agropecuárias; e Ligações Internacionais. O presente artigo focou no que diz respeito a informação, que coloca os meios de comunicação como um fator determinante para estabelecer as centralidades das cidades.

Uma importante produção que abordou sobre essa questão e a presença da mídia nos estudos divulgados pelo Regic até sua quarta edição, é o capítulo desenvolvido por Deolindo (2019) no livro que marcou os dez anos do Grupo de Geografias da Comunicação. No texto, a pesquisadora apresentou um histórico das pesquisas que até então haviam sido desenvolvidas sobre a temática.

O primeiro desses trabalhos de identificação e mapeamento da hierarquia urbana em nível nacional foi publicado em 1967 tendo como referência a malha municipal de 1960 e foi intitulado “Esboço preliminar de divisão do Brasil em espaço polarizados”. O segundo realizou-se em 1966, resultando no documento “Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas”, publicado pelo IBGE em 1972. Em 1983, o Instituto concluiu a atualização do estudo e publicou em 1987 o “Regiões de Influência das Cidades - 1987”. Um novo estudo aconteceu em 1993 (“Regiões de Influência das Cidades - 1993”, publicado em 2000) e outro em 2007 (“Regiões de Influência das Cidades - 2007”, publicado em 2008) (DEOLINDO, 2019, p.151).

Ao averiguar o quadro de estudos, Deolindo (2019) aponta que desde os primeiras pesquisas de hierarquia, os meios de comunicação já eram considerados entre os serviços definidores do nível de centralidade de um lugar, no entanto, ao longo das edições, a presença da mídia passou a ser cada vez mais considerada e colocada como um fator importante para definir o nível das centralidades.

Diante de um momento histórico no qual a informação se torna um ativo do capitalismo, sendo uma variável-chave para a hierarquização das cidades e estabelecimento da rede urbana, o estudo da difusão de informações no território brasileiro é de fundamental importância para compreender a organização espacial do país (REGIC 2020).

Na seção sobre informações, o Regic seleciona três meios de difusão de informações “com diferentes expressões territoriais e densidade técnica envolvida” (REGIC, 2020, p.119), são eles: jornais impressos circulantes nos municípios; distribuição dos domínios de Internet entre as cidades do país; e as sedes e afiliadas de emissoras de televisão brasileiras.

Os jornais impressos já não têm a mesma expressão de antes, a pesquisa revelou que esse meio tem se tornado cada vez mais ausente no território brasileiro – a média brasileira foi de 41,4% das cidades sem circulação de jornais -, além disso, até mesmo quando ocorre a circulação em determinadas localidades, não é de conhecimento amplo da população como ocorria em décadas passadas.

Em relação as redes de televisão aberta, o estudo selecionou quatro: Rede Globo, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Record e TV Cultura. Foram contabilizados o número de emissoras ou retransmissoras - geradoras principais ou afiliadas. Os resultados apontaram que há 185 centros urbanos que emitem sinais de redes de televisão aberta.

Já sobre a produção de conteúdo que são acessados de maneira remota, o Regic buscou averiguar onde se situam os domínios de Internet. Para captar essas informações, o IBGE utiliza-se de uma base de dados cedidas pelo Registro.br⁵, que possui a totalidade dos domínios "br" agregados por CEP. Os dados da pesquisa apontaram para um total de 4.102.636 domínios. A partir disso, houve um mapeamento desses números que indicam que o arranjo populacional de São Paulo (SP) sozinho detém 28,7% desse domínio, seguido do Rio de Janeiro (RJ), com 7,7%; Belo Horizonte (MG) com 4,3%; Curitiba (PR) com 4,2%; e Porto Alegre (RS) com 3,6%.

Esses são os parâmetros do Regic para investigar sobre a produção de informações nas cidades brasileiras. Como mencionado anteriormente, é um dos elementos que servem como critério para organizar as cidades hierarquicamente, classificando-as em cinco tipos de centros: Metrôpoles; Capitais Regionais; Centro Sub-Regionais; Centros de Zona; e Centros Locais. Com exceção dessa última, que são aquelas cidades que não possuem influência em outras, todas as demais apresentam subdivisões que determinam o papel que desempenham na rede urbana.

Tabela 1: Hierarquia da rede urbana brasileira

<i>Centros</i>	<i>Subdivisões</i>
<i>Metrôpoles</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Grande Metrôpole Nacional:</i> Composta apenas pelo Arranjo Populacional de São Paulo, como principal centro urbano no país; - <i>Metrôpole Nacional:</i> Composta pelos Arranjos Populacionais do Rio de Janeiro e Brasília. Juntamente com São Paulo, estas cidades constituem o foco dos deslocamentos para os centros urbanos do país; - <i>Metrôpole:</i> Composta por 12 Arranjos Populacionais: Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, Florianópolis, Campinas e Vitória. São caracterizados pelo porte e projeção nacional.

⁵ Entidade do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) que cataloga, normatiza e julga os pedidos de domínios novos em todo Território Nacional.

<i>Capitais Regionais</i>	<p>- <i>Capital Regional A</i>: Composta por 9 cidades. A população destas cidades varia entre 800 mil e 1,4 milhão de habitantes, e todas se relacionam diretamente com as cidades classificadas como Metrópoles.</p> <p>- <i>Capital Regional B</i>: Composta por 24 cidades, com população média de 530 mil habitantes e serem centralidades de referência no interior dos Estados.</p> <p>- <i>Capital Regional C</i>: Composta por 64 cidades com população entre 200 mil e 360 mil habitantes.</p>
<i>Centros Sub-Regionais</i>	<p>- <i>Centro Sub-Regional A</i>: Composto por 96 cidades, com população média de 120 mil habitantes.</p> <p>- <i>Centro Sub-Regional B</i>: Composto por 256 cidades com população média de 70 mil habitantes, variando entre 55 mil e 85 mil habitantes.</p>
<i>Centros de Zona</i>	<p>- <i>Centro de Zona A</i>: Composto por 147 cidades com população média de 40 mil habitantes.</p> <p>- <i>Centro de Zona B</i>: Composto por 251 cidades com população média inferior a 25 mil habitantes.</p>

Fonte: Regiões de Influência da Cidades (Regic), 2020

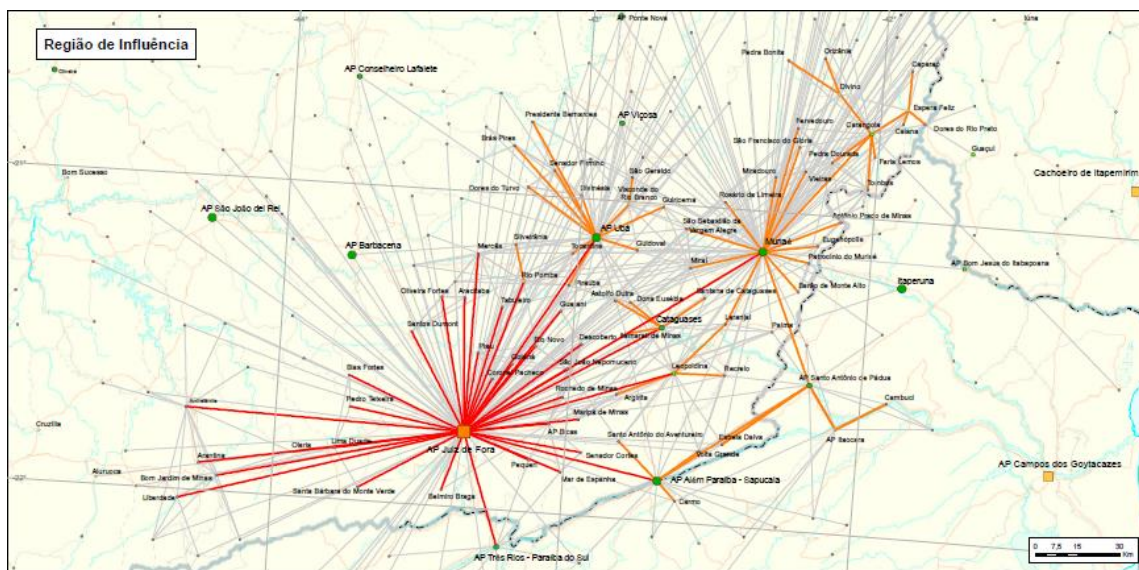
A partir dessa hierarquia urbana que é resultada do Regic, mostra-se fundamental para a pesquisa em questão um olhar para as cidades que se encontram na parte mais superior dessa hierarquia num âmbito regional. De acordo com Moreira e Deolindo (2013), os centros regionais se caracterizam de certa forma como as cidades metropolitanas, já que atraem mais investimentos midiáticos e, em muitos casos, são os únicos que atendem a população dos demais municípios que se encontram no entorno deles.

Capital Regional e Centros Sub-Regionais: possíveis referências aos desertos de notícias?

Nos interessa averiguar e apontar as possíveis cidades que estabelecem relações com os desertos de notícias e dão assistências a essas localidades com a oferta de bens e serviços - tendo como foco a produção noticiosa. É válido ressaltar que esse trabalho trata-se de uma das etapas da pesquisa desenvolvida no nível de Mestrado de um Programa de Pós-Graduação, de modo que, nesse momento, iremos apontar as localidades e, posteriormente, os veículos de forma quantitativa.

Juiz de Fora, cidade polo da Zona da Mata Mineira, é classificada pelo Regic como “Capital Regional B”, logo, trata-se de uma centralidade para todos os demais municípios dessa região. Além de Juiz de Fora, vamos considerar mais três cidades que são classificadas como “Centro Sub-Regional A” pelo mesmo estudo do IBGE e podem ser referências para municípios que se localizam em seus entornos, são elas: Ubá, Muriaé e Além Paraíba. A imagem a seguir apresenta a área de influência estabelecidos por essas cidades: Juiz de Fora, Capital Regional, de forma mais intensa; Ubá, Muriaé e Além Paraíba numa porção menos extensa.

Imagem 1: Arranjo Populacional de Juiz de Fora (Capital Regional B)



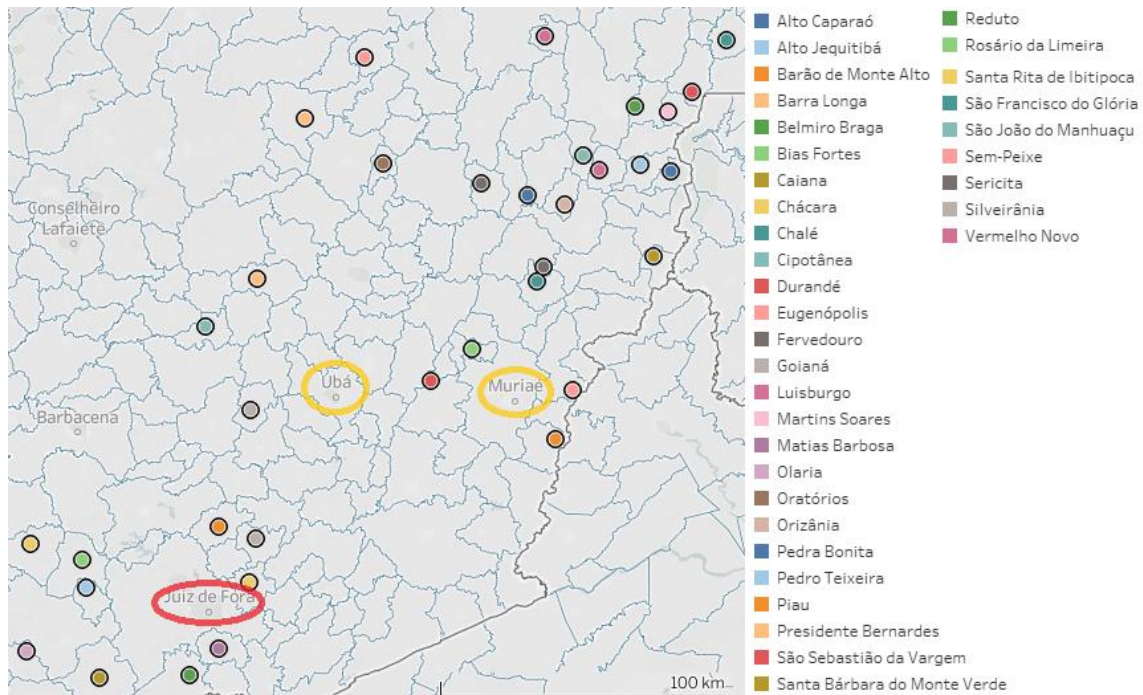
Fonte: Regiões de Influência das Cidades (Regic), 2020

A partir disso, foi feita uma busca para saber onde os municípios caracterizados como desertos de notícias se localizam e suas proximidades com essas quatro cidades. Observou-se que próximo de Além Paraíba não há nenhum deserto de notícias, todos os municípios caracterizados dessa forma se encontram mais próximos de Juiz de Fora, Ubá ou Muriaé. Além disso, diferentemente de Além Paraíba, Ubá e Muriaé possuem mais de 100 mil habitantes, com isso, são consideradas como cidades médias pelo IBGE⁶ – apesar da definição de cidade média se desdobrar em discussões por parte dos pesquisadores que levam em consideração fatores para além do número de habitantes.

⁶ De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cidades médias são as que possuem população entre 100.000 e 500.000 habitantes.

A maioria dos municípios apontados como desertos de notícias se encontram mais próximos geograficamente de Muriaé (19 dos 35 desertos de notícias); dez aparecem no entorno de Juiz de Fora; e seis se localizam mais próximos de Ubá. A figura a seguir apresenta quais são esses municípios e onde se encontram dentro do território da Zona da Mata Mineira, destacando também as três possíveis cidades referências.

Imagem 2: Municípios desertos de notícias na Zona da Mata Mineira



Fonte: Elaborado pelo autor com informações do Atlas da Notícia, 2017

Se tratando de uma pesquisa que se volta para a comunicação local, é importante saber de maneira mais precisa onde esses “desertos” se localizam. Isso porque quanto mais próximo geograficamente de uma das cidades referências, as informações que são produzidas pelos veículos de comunicação dessas cidades, tendem a ser mais de interesse da população do “deserto”.

Mesmo que Juiz de Fora seja a Capital Regional e polo da região, se um município caracterizado como deserto de notícia se localiza mais próximo de Muriaé, por exemplo, como é o caso de Barão de Monte Alto, a tendência é que as informações produzidas a partir de Muriaé, tenham mais influência para a população desse município do que as veiculadas de Juiz de Fora, que fica à 170km.

Dos dez municípios caracterizados como desertos de notícia que se encontram nas redondezas de Juiz de Fora, o mais distante é Santa Rita de Ibitipoca (113,9km). No caso

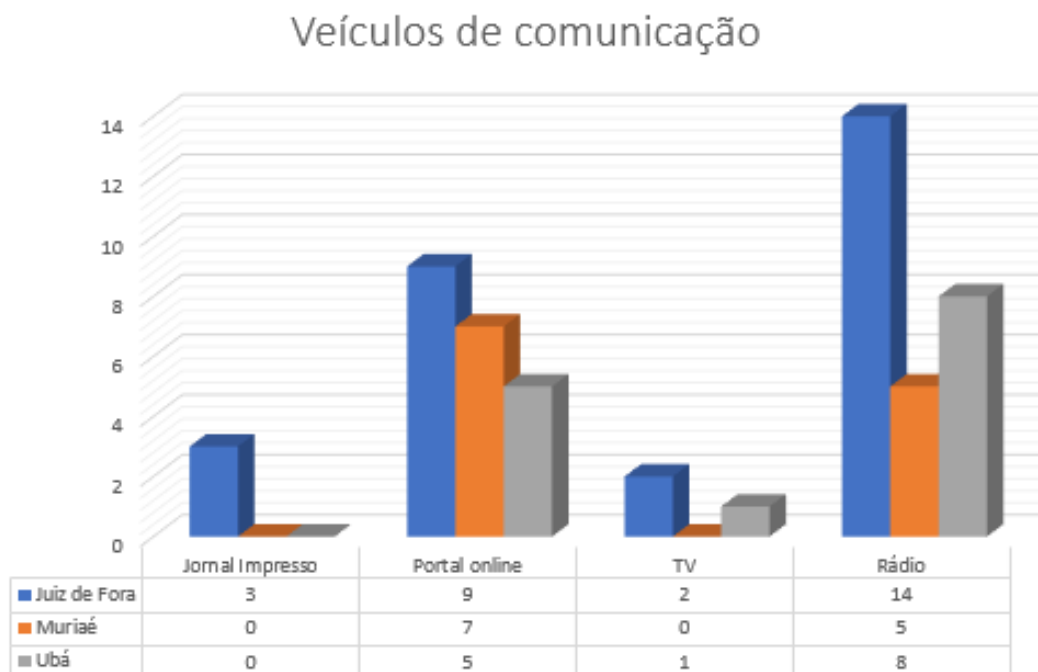
de Ubá, dos seis, o que fica mais longe é o município Sem-Peixe (158,5km). Já em Muriaé, a localidade mais distante é Chalé (203km).

Veículos de mídia: Juiz de Fora, Ubá e Muriaé

Identificadas as cidades que apresentam características que ocupam uma posição acima na hierarquia urbana das demais da região da Zona da Mata Mineira e, suas proximidades com os desertos de notícias, procurou-se verificar quais os tipos de veículos que se encontram nelas a partir do Guia de Mídia e da Anatel. O primeiro contribuiu no levantamento relativos a jornais impressos e portais online; já na Anatel, foram identificadas Rádios e TVs.

Nesse momento, portanto, trata-se de um apontamento do que há de produção noticiosa nessas cidades que são colocadas pelo Regic como Capital Regional e Centros Sub-Regionais. Acredita-se que averiguar essa questão, contribua para que se tenha uma visão do cenário que se apresenta no primeiro recorte espacial definido e possibilita também estabelecer delimitações posteriormente.

Gráfico 1: Veículos de comunicação em Juiz de Fora, Muriaé e Ubá



Fonte: Elaborado pelo autor com informações do Guia de Mídia e do Mosaico da Anatel

O gráfico acima apresenta os tipos de veículos presentes nas cidades que possuem referências para os desertos de notícias. A TV em Ubá trata-se de uma emissora

educativa; as emissoras de rádio são divididas em: seis comerciais, uma educativa e uma pública. Já em Muriaé, as oito emissoras de rádio que se fazem presentes são de caráter comercial, assim como grande parte das de Juiz de Fora – 11 das 14 emissoras.

Considerações Finais

Diante de uma proposta de estudo que busca investigar a respeito da escassez de notícias locais em determinados municípios, faz-se necessário um olhar para o entorno dessas localidades para compreender o contexto no qual estão inseridas. Esse é um exercício que faz com que seja levado em consideração não somente os municípios de maneira separada, mas reconhecendo as possíveis relações e assistências que podem receber de outras cidades, incluindo a produção de notícias num âmbito mais aproximado.

As cidades que tendem a ser as referências são as que se encontram mais acima na hierarquia urbana. Desse modo, o Regic se mostra uma fonte essencial para reconhecer as zonas de influências presentes no território brasileiro e apontar essa hierarquização. Como o recorte espacial definido pelo estudo é a Zona da Mata Mineira, as que possuem mais condições na oferta de bens e serviços é a Capital Regional (Juiz de Fora) e os Centros Sub-Regionais (Muriaé e Ubá).

Na busca realizada para a produção do presente artigo, portanto, identificou-se as cidades referências de cada um dos desertos de notícias presentes nessa região do estado de Minas Gerais. Logo, na realização de uma futura análise de determinado município considerado deserto de notícia, mostra-se necessário também averiguar a produção dos veículos de comunicação que se encontram na Capital Regional ou em um dos Centros Sub-Regionais, dependendo de sua localização.

Os municípios caracterizados como desertos de notícias não se encontram de forma concentrada em apenas uma “parcela” do território da Zona da Mata. Dos 35, foram identificados dez próximos da Capital Regional e os demais com mais proximidade dos Centros Sub-Regionais. Forma-se então uma “divisão” a partir da localização desses municípios no território para compreender suas possíveis referências. Em relação aos veículos de comunicação nota-se a predominância de emissora de rádios e portais online.

O Atlas da Notícia, ao utilizar-se do conceito de deserto - desenvolvido por Abernathy – no território brasileiro para identificar os municípios que possuem ou não veículos de comunicação local, nos oferece um ponto de partida. No entanto, os fluxos se modificam a depender de onde o município se localiza e de sua proximidade com cidades

que estão classificadas acima na hierarquia urbana. Por isso, consideramos que uma das etapas iniciais é essa de reconhecer as localidades e suas cidades referências mais próximas. Isso contribui para possíveis delimitações e nos faz ter uma visão mais geral para reconhecer esses “desertos” que se fazem presentes na região da Zona da Mata Mineira.

Referências

ABERNATHY, Penelope M. **The Rise of a New Media Baron and the Emerging Threat of News media Deserts**. The University of North Carolina Press: Center for Innovation and Sustainability in Local Media, 2016.

_____. **The Expanding News Desert**. The University of North Carolina Press: Center for Innovation and Sustainability in Local Media, 2018.

BARBOSA, Marialva. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio. **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2002. p. 73–79.

CORRÊA, Roberto Lobato. Uma nota sobre o urbano e a escala. **Território**. Rio de Janeiro, Ano VII - no 11, 12 e 13 - set./out., 2003, p. 133-136.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. O deserto da notícia no interior Brasil - apontamentos para uma pesquisa. Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: **Intercom**, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2022-2.pdf>

DORNELLES, Beatriz. O localismo nos jornais do interior. **Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 237-243, set./dez. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8191#:~:text=O%20que%20se%20pode%20observar,local%20mesmo%20na%20era%20digital>.

_____. Contribuições da teoria das localidades centrais para o estudo da mídia no espaço. In: MOREIRA, Sonia Virgínia; BALDESSAR, Maria José; OTA, Daniela; BRANDALISE, Roberta. **10 anos: Geografias da Comunicação no Brasil**. São Paulo: Intercom. 2019, p.145-163.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/biogeografia_saude_publica/aulas%202014/2-Geografia%20-%20Conceitos%20e%20Temas.pdf

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>

MARTINS, César Franco dos Santos. Os desertos e quase desertos de notícias: produções e caminhos para um estudo. 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor, 2020. No prelo.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Geografias da Comunicação, uma disciplina. Intercom 2017 - 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: **Intercom**, 2017. Disponível em:

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEOLINDO, Jacqueline da Silva. Mídia, cidade e “interior”. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 21, ano 11, v. 1, 2013 p. 19-30. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/6958>

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia Rodrigues. Brasil: Regiões de sombra e de silêncio no audiovisual e nas telecomunicações. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: **Intercom**, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1821-2.pdf>

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia Rodrigues; MARTINS, César Franco dos Santos. Territórios a Conhecer: produção local de informação em retransmissoras de rádio e TV no interior. Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia: **SBPJor**, 2019. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/viewFile/1949/1029>

PROJOR (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo). **Atlas da notícia** [on-line]. Acesso em 12/09/2020 em < <https://www.atlas.jor.br/>>

REIS, Thays Assunção. Mapeamento dos serviços de mídia das cidades médias da região norte. Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: **Intercom**, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1408-2.pdf>

_____. Consumo de notícias no interior: relatos sobre duas cidades pequenas do Maranhão. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém: **Intercom**, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1559-1.pdf>